

# semelhanças, parentescos e tropos nos contos de guimarães rosa

similarities, kinships and tropes in  
guimarães rosa's short stories

tomás prado<sup>1</sup>

## resumo

A proximidade com a literatura convida a filosofia a se desapegar de seus recursos conceituais para seguir referencias oferecidos pelas próprias obras literárias. O estudo das recorrências e diferenças presentes nas obras de Guimarães Rosa proporciona à filosofia a oportunidade de renovar seus métodos e conceitos. Neste ensaio, sugerimos que alguns textos desse escritor oferecem, nos temas e na linguagem, uma série dessas possibilidades. Por meio da leitura de contos e novelas, veremos como semelhanças, parentescos e tropos — presentes não como conceitos, mas na forma de narrativas e imagens — podem conduzir a abordagem de questões literárias que são também centrais para a tradição filosófica e para o pensamento atual.

## palavras-chave

Semelhança; Parentesco; Tropo; Literatura; Mística.

## abstract

*The proximity to literature invites philosophy to detach itself from its conceptual resources and instead follow references offered by the literary works themselves. The study of recurrences and differences present in the works of Guimarães Rosa provides to philosophy the opportunity to renew its methods and concepts. In this essay, we suggest that certain texts written by this author offer, within their themes and language, a multiplicity of such possibilities. The analysis of short stories and novels will show how similarities, kinships and tropes — present not as concepts but in the form of narratives and images — can lead to the approach of literary issues that are also central to the philosophical tradition and contemporary thought.*

## keywords

*Similarity; Kinship; Trope; Literature; Mystique.*

---

<sup>1</sup> Doutor em filosofia pela PUC-Rio, com pós-doutorado pela Unifesp, Tomás Prado é autor do livro *Foucault e a linguagem do espaço* (Editoras Perspectiva e PUC-Rio, 2018) e do romance *A chama remota* (Editora Reformatório, 2023).

*É de supor que a faculdade mimética, assim manifestada na atividade de quem escreve, foi extremamente importante para o ato de escrever nos tempos recuados em que a escrita se originou. A escrita transformou-se assim, ao lado da linguagem oral, num arquivo de semelhanças, de correspondências extrassensíveis.*

Walter Benjamin<sup>2</sup>

*Seu ato é, pois, um ato de artista, comparável ao movimento do dançador; o dançador é a imagem desta vida, que procede com arte; a arte da dança dirige seus movimentos; a vida age semelhantemente com o vivente.*

Plotino<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

Na filosofia do século XX, observou-se duas tendências aparentemente antagônicas na compreensão da linguagem e que, de modo geral, corresponderam a um distanciamento geográfico. Nos países anglo-saxões, com a filosofia analítica, na qual destacamos o pensamento de Wittgenstein, predominou uma preocupação com a significação da linguagem residente nas “práticas”, “usos”, “hábitos” e “jogos” correntes na comunidade linguística e suas “formas de vida” estabelecidas e instituídas<sup>4</sup>. Esperava-se, com isso, descartar supostos falsos problemas, sobretudo de ordem especulativa e metafísica. Congruente aos modelos lógico e matemático, essa corrente de pensamento abdicava da pretensão de exceder a experiência comum em favor de discursos maximamente claros e objetivos.

Por outro lado, na filosofia continental, filósofos como Bergson, Benjamin, Heidegger e Foucault, dentre muitos outros, mostraram um interesse oposto, por “metáforas”, “contradiscursos” e demais possibilidades de subverter condicionamentos linguísticos do pensamento e da cultura. O reconhecimento de uma relação intrínseca entre linguagem e mundo gerou a expectativa de ampliá-lo e reinventá-lo por meio de uma atenção especial à linguagem, o que favoreceu a proximidade da filosofia com a poesia e a literatura. A estética, ou melhor, a vizinhança cordial e amorosa com a poesia, a literatura e a arte em geral tornaram-se um campo de interesse privilegiado em filosofias que se ocupavam, mais ou menos explicitamente, do novo e das possibilidades de criação.

Embora parecessem antagônicos em seus objetivos, esses projetos filosóficos possuíam zonas de interseção. Afinal, para buscar a clareza dos significados linguísticos, a filosofia analítica precisou inventar conceitos, que exigiam dedicação especializada e familiarização. Para participar dos processos de transformação do mundo por meio da linguagem, a filosofia continental também buscou clareza, rigor e compreensão mútua entre os agentes engajados no debate, o que levou à constituição de múltiplas escolas de pensamento. Direta ou indiretamente, os filósofos se provocaram e responderam uns aos outros, mas os filósofos alemães e franceses foram mais explícitos em reconhecer a filosofia como fundamentalmente porosa e em trabalhar com outros campos da cultura. Em vez de elegerem a matemática, a lógica e as ciências da natureza como modelos ideais nos quais a

<sup>2</sup> BENJAMIN, W. A doutrina das semelhanças. In: *Magia e técnica, arte e política*. Trad. de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 111.

<sup>3</sup> Apud GUIMARÃES ROSA J. *Noites do sertão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 5. Nessa edição, foi utilizada a grafia do autor nos termos “dansador” e “dansa”, porém optamos por seguir a atualização dos termos, que encontramos na edição de 1992 da mesma editora.

<sup>4</sup> Cf. WITTGENSTEIN, L., *Investigações filosóficas*. Trad. de Marcos Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 2005.

filosofia deveria se espelhar, procuraram participar de debates em outros campos do saber assumidamente em construção, especialmente as ciências humanas, e beber de outras fontes, como a poesia e a literatura, com disponibilidade e interesse de se reinventar.

Por certo, essa investigação não se deu de forma linear e homogênea. Correntes distintas, como o estruturalismo, o construtivismo e a fenomenologia, convergiram nesse escopo mais abrangente de interesse pela linguagem e seus processos de transformação atravessados por critérios que vão para além de beleza e originalidade, tais como diferenças culturais e conflitos políticos, econômicos e sociais. Alguns autores dedicaram-se a pensar origens remotas da experiência com a linguagem na história e em culturas antigas, enquanto outros privilegiaram o entrecruzamento de saberes mais recentes, como o marxismo, a psicanálise e a antropologia. Além disso, em uma produção bastante abrangente e diversa, algumas preocupações mostraram-se mais recorrentes e acabaram formalizadas em conceitos. Dentre eles, gostaríamos de destacar as noções de experiência, imagem e semelhança, que não eram desconhecidas ou incomuns na tradição filosófica, mas que adquiriram novos significados.

A experiência deixa de ser mero sinônimo de empiria, em oposição ao pensamento puro, e passa a aludir a acontecimentos transformadores, a eventos que estabelecem rupturas na cotidianidade, na continuidade de hábitos e costumes, estando ligada a uma revelação que produz renovada visão da existência e leva a outras maneiras de agir.

Já a imagem, de simples forma, figura ou conjunto de qualidades sensíveis presentes às faculdades perceptivas do sujeito, passa a ser considerada promessa de contato privilegiado com a realidade, na qual algo inesperado pode se apresentar para desestabilizar nossas expectativas, transformar o próprio sujeito — encarado de maneira dinâmica, em sua vida ou existência temporal — e recolocar a tarefa histórica de criar conceitos. Afinal, em vez de apenas exemplificá-los, desde Nietzsche ficou claro que imagens e metáforas são as verdadeiras fontes dos conceitos<sup>5</sup>.

Finalmente, o conceito de semelhança adquiriu grande importância porque, na relação entre as imagens, em vez de abstrair uma identidade comum, passamos a dar importância às qualidades raras, às diferenças. Note-se que isso apenas é possível conservando o esforço de aproxima-las; a novidade é resistir ao conforto de as reduzir uma à outra.

Fenomenólogos e pós-estruturalistas decerto não abdicaram das preocupações com “existenciais” correspondentes à mundanidade ou com inteligibilidades históricas na forma de estruturas, dispositivos, redes etc. Apenas não se contentaram com elas para descrever ou diagnosticar fenômenos e experiências-limites que, para serem percebidos e poderem brilhar por si mesmos, devem ser confrontados com regularidades sensíveis, relações de semelhança.

Este estudo não pretende reconstituir a história da filosofia nem esmiuçar todas essas demonstrações, que poderiam aludir a muitos autores e conceitos, como o de *constelação* na obra de Benjamin e talvez destacar a obra *Diferença e repetição*, de Deleuze. É necessário, entretanto, explicitar a convergência do estudo que faremos da obra de Guimarães Rosa com a corrente de investigações da linguagem geralmente localizada como filosofia continental. Esta introdução busca apenas sugerir que, para aqueles que se ocupam com a abordagem da linguagem que situamos, a obra de Guimarães Rosa se mostra um território extremamente fértil.

Acima referimo-nos a conceitos cujo significado foi atualizado pelo pensamento contemporâneo, destacadamente o de “semelhança”. No que diz respeito especificamente

---

<sup>5</sup> Cf. NIETZSCHE, F., “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”, in: *Obra incompleta*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

às relações familiares, o conceito de semelhança será articulado ao “parentesco”. Trabalharemos também, e com especial interesse, com o conceito de “tropo”, tal como se encontra presente na análise que Foucault faz da poesia de Raymond Roussel, mas que possui amplos desdobramentos em toda a sua obra. Vale observar que reencontramos esse conceito na filosofia de gênero de Judith Butler<sup>6</sup>. A ideia é identificar, em alguns casos célebres e emblemáticos da obra rosiana — particularmente na coletânea de contos *Primeiras estórias* e na novela *Campo geral* —, tropos, desvios morfológicos, desvios nas formas de viver, que se revelam com base em relações de semelhança e parentesco<sup>7</sup>

Como última consideração introdutória, observamos que não poderíamos aqui nos dedicar à análise da obra extensa e profunda que é *Grande sertão: veredas*. Todavia, é oportuno indicar que, no estudo das semelhanças na obra de Guimarães Rosa, o conceito de tropo, tal como utilizado por Butler no contexto dos problemas de gênero, poderia estabelecer relações férteis com a personagem Diadorim. Outros pesquisadores já têm se servido do pensamento dessa filósofa para desenvolver abordagens que apontam nessa direção, mesmo que não tenham ainda se servido desse conceito.

## RELAÇÕES DE SEMELHANÇA NO CONTO “O ESPELHO”

O conto “O espelho”, do livro *Primeiras estórias*, oferece um caminho — ou método — profícuo para pensar a proximidade entre a literatura de Guimarães Rosa e a filosofia que se ocupa com relações de semelhança.

O narrador começa com uma advertência: “Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições<sup>8</sup>. Trata-se menos de um drama, como conjunto de ações, e mais de um movimento que ocorre internamente, na subjetividade — e no qual encontramos a relevância da intuição, em detrimento de uma primazia da razão. Termos com evidente afinidade com o campo filosófico comparecem, mas o assunto a ser tratado não é exclusivo da filosofia. Partimos à procura da especificidade da literatura para, em seguida, explorarmos possibilidades de inspiração ou espelhamento para a filosofia, de modo que a literatura seja para ela uma experiência (de desvio).

A experiência — ou sequência de experiências — que o narrador promete relatar tem relação com espelhos. Porém, antes de apresentá-la, ele aprofunda suas advertências com considerações sobre a lida com espelhos, que, como veremos, dizem respeito também à literatura. A preparação de um olhar para o espelho serve também à experiência literária.

<sup>6</sup> “Foi preciso necessariamente fazer as mesmas palavras servirem para diversos usos. Notou-se que este expediente admirável podia dar ao discurso mais energia e mais atrativo; não se deixou de transformá-lo em jogo, em prazer. Assim, por necessidade e por escolha, as palavras são às vezes desviadas de seu sentido primitivo, para adquirir um novo que dele se afasta mais ou menos, mas que, no entanto, tem mais ou menos relação. Este novo sentido das palavras se chama sentido tropológico, e chamamos tropo esta conversão, este desvio que o produz.” FOUCAULT, M., *Raymond Roussel*. Trad. de Manoel Barros da Motta e Vera Lucia Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999, p. 13.

<sup>7</sup> Evidentemente, a noção de tropo como “forma” ou “desvio da forma” aqui é admitida em sentido bastante amplo, conforme já apresentamos no livro *Foucault e a linguagem do espaço*. O trabalho de Butler autoriza essa mesma ampliação de sentido no uso do termo. Ela afirma: “A disputa, porém, também parece girar em torno da articulação de um tropo temporal de uma sexualidade subversiva, que floresce antes da imposição da lei, após sua derrubada ou durante sua vigência, como desafio constante à sua autoridade. [...] [Para Foucault,] As produções se desviam de seus propósitos originais e mobilizam inadvertidamente possibilidades de ‘sujeitos’ que não apenas ultrapassam os limites da inteligibilidade cultural como efetivamente expandem as fronteiras do que é de fato culturalmente inteligível”. BUTLER, J., *Problemas de gênero*. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015, pp. 62-63.

<sup>8</sup> GUIMARÃES ROSA, J., *O espelho*. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 119.

O senhor, por exemplo, que sabe e estuda, suponho nem tenha ideia do que seja na verdade — um espelho? Demais, decerto, das noções de física, com que se familiarizou, as leis da óptica. Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos.<sup>9</sup>

O conto é estruturado na forma de um convite a um diálogo em que o narrador apresenta sua “experiência” pessoal a um interlocutor “que sabe e estuda” — um sábio, um teórico, possivelmente filósofo, cientista, talvez filósofo da ciência e positivista. Esperando ganhar a confiança do interlocutor, explicita o lugar de onde parte sua série de raciocínios, sugerindo que compartilham entendimentos sobre o mundo: “Sou [...] positivo, um racional, piso o chão a pés e patas”<sup>10</sup>. Entretanto, “alternadamente”, ele revela outras qualidades pessoais — diz ser “do interior”<sup>11</sup>. Para provocá-lo a se pronunciar a respeito de mistérios, assume posição antagônica ao que havia dito quando sugere que “vivemos, de modo incorrigível, distraídos das coisas mais importantes”, alertando que “é de fenômenos sutis que estamos tratando”<sup>12</sup>.

Mesmo que se trate da relação com um mesmo objeto (o espelho), ao apresentar sua experiência, o narrador esclarece que há abordagens que são gerais, regulares, positivas, enquanto outras exigem uma atenção peculiar, para se intuir diferenças. As primeiras, ou seja, os raciocínios que consideram “noções de física” e “leis da óptica”, parecem servir de base aos saltos literários do texto — saltos para o “transcendente”, para o “mistério” nos “fatos”. Já de início distinguimos, portanto, uma delimitação do campo específico da literatura: a dedicação ao mistério, às possibilidades de transcendência que há nos fatos.

Não interromperemos recorrentemente a leitura do conto para interpor citações filosóficas, mas há uma passagem de Roland Barthes, em sua aula inaugural no *Collège de France*, especialmente oportuna para mostrar como a literatura se relaciona com outros saberes:

A literatura assume muitos saberes. Num romance como Robinson Crusoé, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico [...] pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente encyclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis — insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que aprisionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe das coisas — que sabe muito sobre os homens<sup>13</sup>.

A passagem sugere que a experiência literária não tem como lastro somente a vivência ou o talento pessoal, mas também um conhecimento encyclopédico — a biblioteca como um todo —, no qual é possível reconhecer a presença da filosofia e das ciências. Uma grande obra não se coloca à parte, mas é parte do monumento literário,

<sup>9</sup> GUIMARÃES ROSA, J., *O espelho*. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.119.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 121.

<sup>11</sup> *Ibidem*.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 120.

<sup>13</sup> BARTHES, R. *Aula*. Trad. de Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Cultrix, 2008, p. 18-19.

no qual diferentes saberes convivem. Nesse monumento, o que é específico da literatura é “trabalhar nos interstícios” e “corrigir as distâncias”.

Devemos atentar a tais sutilezas sugeridas por Barthes e pelo narrador do conto de Rosa. Mas, antes, retomemos a análise preparatória e racional dos espelhos. O narrador afirma que “há os ‘bons’ e ‘maus’, os que favorecem e os que detraem; e os que são apenas honestos, pois não”<sup>14</sup>. Não demoramos para encontrar uma ironia diante da possibilidade de os espelhos serem “apenas honestos”. A relação espacial presente no espelho, ao cindir a figura de alguém, ao colocá-la ao mesmo tempo diante e distante de si, pressupõe uma simultaneidade que, a rigor, não existe: “Além de que a simultaneidade torna-se impossível, no fluir de valores instantâneos. Ah, o tempo é o mágico de todas as traições...”<sup>15</sup>.

Quando nos encaramos no espelho, supomos uma relação de identidade conosco, embora haja somente uma relação de semelhança, repleta de nuances que buscamos não ver. Afinal, é descompassada a relação entre esse outro que vemos e aquele que acreditamos que ressurge do passado, que nos chega dos lugares em que estivemos e acreditamos subsistir nesses olhos que supostamente se reencontram: “E os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem, defeitos com que cresceram e a que se afizeram, mais e mais”<sup>16</sup>. Na duração de nossas vidas, sempre trazemos alguma expectativa do que iremos encontrar, a projeção de uma visão anterior, de modo que um pouco nos adiantamos e um pouco nos atrasamos na expectativa de um acordo sem garantias reais.

Portanto, vemos uma relação espacial e nos esquecemos, convenientemente, das variantes temporais que atravessam essa relação<sup>17</sup>. Conclui o narrador a seu interlocutor uma primeira parte de seu relato: “Ah, meu amigo, a espécie humana peleja para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica, mas algo ou alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente...”<sup>18</sup>. A razão encontra regularidades no mundo das quais pode se servir para atender a interesses práticos. Procura-as também no sujeito para obter estabilidade, previsibilidade e controle. Entretanto, em parte alguma há regularidades absolutas, e é para enxergar e lidar com suas “frinchas” que devemos reconhecer o valor da intuição. São elas que abrem nosso olhar para instabilidades externas e internas, de modo que as intuições são a verdadeira matéria prima da produção literária.

O preâmbulo proposto aumenta o suspense no conto. Antes de conhecermos a crise anunciada, façamos uma última ressalva. Até esse ponto, mesmo quando há uma preocupação com fenômenos sutis e aquilo que escapa a nosso campo de visão, distraídos que vivemos em nossa “rotina” guiada pela “lógica”, o que predomina é uma visão racional, que mapeia o particular e o geral, causas e efeitos, e por isso contém muita segurança no que faz e no que diz. Ocorre, então, algo inesperado e que seria propriamente a “experiência” — ou uma primeira experiência. A visão racional e positiva é atravessada por uma visão intuitiva, e de certo modo obscura, mas que contém a oportunidade de gerar uma clareza renovada. Vejamos:

Foi num lavatório de edifício público, por acaso. Eu era moço, comigo contente, vaidoso. Descuidado, avistei... Explico-lhe: dois espelhos — um de parede, o outro de porta lateral, aberta em ângulo próprio — faziam jogo. E o que enxerguei, por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e

<sup>14</sup> GUIMARÃES ROSA, J., *O espelho*. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 119-120.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 120.

<sup>16</sup> *Ibidem*.

<sup>17</sup> “Olhos contra os olhos. Soube-o: os olhos da gente não têm fim. Só eles paravam imutáveis, no centro do segredo. Se é que de mim não zombassem, para lá de uma máscara. Porque o resto, o rosto, mudava permanentemente.” GUIMARÃES ROSA, J., *O espelho*. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.123.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 121.

susto, eriçamento, espavor. E era — logo descobri... era eu, mesmo! O senhor acha que algum dia ia esquecer essa revelação?

Desde aí, comecei a procurar-me — ao eu por detrás de mim — à tona dos espelhos, em sua lisa, funda lámina, em seu lume frio<sup>19</sup>.

Um evento inesperado atravessa a “rotina”. “Descuidado”, distraído, o narrador depara consigo e o que vê lhe parece “desagradável ao derradeiro grau”. Sua reação consiste em converter essa experiência em um experimento de investigação de si. Ele recorre ao espelho com os instrumentos da razão, a fim de alcançar um objeto — “o eu por detrás de mim” — correspondente às categorias do conhecimento racional, que garantiriam previsibilidade e, consequentemente, segurança. Esse “eu” seria uma substância pura, livre de toda influência acidental, uma alma entendida como essência dotada de uma identidade invariável e única.

Seu primeiro esforço consiste em eliminar os enganos decorrentes das visões comprometidas, interessadas, que buscam descobrir o que elas mesmas lá puseram. Evidentemente, essa preocupação alude ao método científico, supostamente “neutro” e “desinteressado”, como se fosse um puro observador. Ele o admite: “Eu, porém, era um perquiridor imparcial, neutro absolutamente. O caçador de meu próprio aspecto formal, movido por curiosidade, quando não impessoal, desinteressada; para não dizer o urgir científico”<sup>20</sup>. Chama atenção, novamente, a ironia em assumir que a busca de sua “vera forma”, de sua verdade, não poderia ser considerada uma curiosidade “impessoal”. Como essa frincha é, na realidade, reveladora do seu interesse mais profundo, o procedimento já se encontrava de saída comprometido. Não que o resto seja só verniz. Não haveria ironia sem um resgate do entendimento comum, que, como plataforma, opõe resistência ao esgarçamento da frincha e intensifica a crise.

O segundo esforço racional do narrador consiste em uma espécie de *époché*, de uma suspensão do juízo (ou de redução fenomenológica) — “olhar não-vendo” — que eliminasse todas as contaminações e semelhanças externas, até encontrar uma espécie de essência própria, autêntica e absolutamente original.

Concluí que, interpenetrando-se no disfarce do *rosto externo* diversas componentes, meu problema seria o de submetê-las a um bloqueio ‘visual’ ou anulamento perceptivo, a suspensão de uma por uma, desde as mais rudimentares, grosseiras, ou de inferior significado. Tomei o elemento animal para começo. [...] E, então, eu teria que, após dissociá-lameticulosamente, aprender a *não ver*, no espelho, os traços que em mim recordavam o grande felino. Atirei-me a tanto<sup>21</sup>.

O empreendimento era imenso para alcançar algo que, em forma, fosse mínimo, mas em valor fosse máximo: sua identidade. A redução de sua “figura” se mostrava aparentemente bem-sucedida pela transformação das “excrescências” em lacunas, apagamentos. O exercício avançava na direção de outras variantes, como o “elemento hereditário”, o “contágio das paixões”, as influências das “ideias e sugestões de outrem”, e os interesses no que está fora, sem causa, fundamento ou “fundura”. Surge a fatídica conclusão, diante da qual o narrador ainda não vislumbra todas as implicações e os efeitos: “nem no ovo o pinto está intacto”<sup>22</sup>. As cascas são precárias, uma ilusão de proteção. Não há

<sup>19</sup> GUIMARÃES ROSA, J., *O espelho*. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 122.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 122-123.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 124.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 125.

substância ou núcleo absolutamente preservado de todas as “parecenças”, os parentescos, as semelhanças.

A tentativa de encontrar um modo de expressar essa realidade sutil, ou seja, o reino dos restos limados ou dos resistentes, esse fulgor que escapa ou que persiste, quase indizível, nos coloca mais claramente diante do que é propriamente o campo literário, mesmo quando se trata de um exercício a princípio de viés racional:

À medida que trabalhava com maior mestria, no excluir, abstrair e abstrar, meu esquema perceptivo clivava-se, em forma meândrica, a modos de couve-flor ou bucho de boi, e em mosaicos, e francamente cavernoso, como esponja. E escurecia-se<sup>23</sup>.

Em detrimento dos conceitos, dos esquemas racionais preambulares, são agora as imagens que saltam à vista, precisas e, estas, sim, irredutíveis.

O processo de redução das semelhanças parece encontrar sua culminância. O resultado obtido contraria todas as expectativas do narrador, a tal ponto que produzirá uma segunda crise ou experiência.

Simplesmente lhe digo que me olhei num espelho e não me vi. Não vi nada. Só o campo, liso, às vacúas, aberto como o sol, água limpíssima, à dispersão da luz, tapadamente tudo. Eu não tinha formas, rosto? Apalpei-me, em muito. Mas, o invisto. O facto. O sem evidência física. Eu era — o transparente contemplador?... Tirei-me. Aturdi-me, a ponto de me deixar cair numa poltrona. [...] E a terrível conclusão: não haveria em mim uma existência central, pessoal, autônoma? Seria eu um... des-almado? Então, o que se me fingia de um suposto eu, não era mais que, sobre a persistência do animal, um pouco de herança, de soltos instintos, energia passional estranha, um entrecruzar-se de influências, e tudo o que mais na impermanência se define?<sup>24</sup>

No processo das alternâncias entre o racional e o intuitivo, percebemos de que modo aprendizagens teóricas e filosóficas, que pressupõem a razão, podem derivar de “fatos” descobertos pela intuição. Desse modo, a literatura, ao trabalhar predominantemente com imagens, pode ter prevalência ou antecedência no desafio de revelar esses fatos sem reduzi-los ao que já é conhecido e assimilado, ao que, tornado abstrato e geral, já virou conceito. O conto aborda um campo de interesses em comum, embora o resultado seja diferente, porque o narrador do conto, na ausência de uma substância autônoma, não infere determinações a respeito de um sujeito universal. Ele encontra “só o campo, liso, às vacúas”. Até o momento, suas conclusões estão relacionadas a uma curiosidade pessoal, e o efeito seguinte sobre ele é passar a encarar-se novamente nos espelhos<sup>25</sup>.

<sup>23</sup> GUIMARÃES ROSA, J., *O espelho*. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 125.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 126.

<sup>25</sup> Até certo ponto, uma alternativa interessante de análise, que aproxime mais o conto de uma abordagem fenomenológica, poderia relacionar a constatação do narrador de ter se tornado um “transparente contemplador” à pura intencionalidade, que Husserl apresenta como resultado da redução fenomenológica, e que é resgatada por Sartre. Em detrimento de uma identificação com o “Moi”, como objeto da consciência, o Ego se reconheceria no mundo. Sartre afirma: “Nós gostaríamos de mostrar aqui que o Ego não está nem formalmente nem materialmente na consciência: ele está fora, no mundo; é um ser do mundo, como o Ego do outro”. (SARTRE, J.-P., *A transcendência do ego*. Trad. de João Batista Kreusch. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 13). Entretanto, não acreditamos que Guimarães Rosa, no conjunto de sua obra, tenha abandonado o reconhecimento da importância de processos “internos”, relativos à duração da existência de cada indivíduo, à sua capacidade de reinventar-se a partir de si mesmo, de sua memória, como veremos no conto “Os irmãos Dagobe”. O problema do conto “O espelho” está mais próximo de propor a contenção do excesso individualista de soberba e presunção, com implicações místicas, do que querer reagir aos mesmos problemas que preocupavam Sartre, como as acusações na época feitas à fenomenologia de ser uma forma de solipsismo ou de idealismo que levaria a um tipo de alienação política.

Após essas conclusões, o narrador abandona seu experimento. Anos se passam até que outro jogo de espelhos revele novamente sua figura, agora associada a afetos diferentes daqueles iniciais, até mesmo opostos. Em vez de um experimento controlado, deparamos com uma nova experiência apresentada na forma de um enigma ou um verdadeiro mistério transcendente, cujas conclusões deverão ser alcançadas por inferências feitas pelo interlocutor, que é o seu leitor — aliás, como deve ocorrer em uma obra que, diferentemente de uma tese ou um tratado, é de natureza literária. Portanto, o autor sugere que, tal como existem as inferências lógicas, há também conclusões análogas que são alcançadas pelos caminhos da intuição.

Pois foi que, mais tarde, anos, ao fim de uma ocasião de sofrimentos grandes, de novo me defrontei — não rosto a rosto. O espelho mostrou-me. Ouça. Por um certo tempo, nada enxerguei. Só então, só depois: o tênue começo de um quanto como uma luz, que se nublava, aos poucos tentando-se em débil cintilação, radiância. Seu mínimo ondear comovia-me, ou já estaria contido em minha emoção? Que luzinha, aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa? Se quiser, infira o senhor mesmo<sup>26</sup>.

Em vez de parte do processo anterior de introspecção, temos agora um “começo” exterior. O espelho lhe revelou, porém “não rosto a rosto”. Não em uma relação de identidade, mas em uma relação que é de saída marcada pela diferença. Na alteridade, há um “tênue começo de um quanto como uma luz”, “tentando-se em débil cintilação”. Uma luz radiante. Qualquer coisa mínima nela comovia-o, mobilizava-o, o que contraria a aspiração de outrora de encontrar em si mesmo qualquer coisa como uma alma imóvel e imutável. Agora sua alma estava repleta de emoção. Mas que mistério é esse? Que luzinha é essa que, emitida dele mesmo, se detinha “acolá”, sem já não mais lhe pertencer? Somos convidados a inferir nós mesmos, porém sem pressa. O narrador oferece-nos mais algumas pistas. Preciosidades.

Por aí, perdoe-me o detalhe, eu já amava — já aprendendo, isto seja, a conformidade e a alegria. E... Sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda-nem-rosto — quase delineado, apenas — mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal... E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só. Só. Será que o senhor nunca compreenderá?<sup>27</sup>.

O amor inverte a tendência ao isolamento, a busca por uma essência pura, livre de todas as influências e contaminações do meio, para estabelecer o desafio contrário, da proximidade, da relação, que sempre foi a fonte desse “quem sou”. Após a “ocasião de sofrimentos grandes”, que coincidiram com a busca de sua autonomia absoluta, ele aprendeu “a conformidade e a alegria”. Esse foi um aprendizado de como enxergar os vínculos de outro modo. No entanto, esse rosto visto não é o rosto — razoavelmente — atribuído. É preciso inferir pela intuição um rosto que era “de menino, de menos-que-menino”, portanto: rostinho de um filho recém-nascido.

Como expressar tamanha emoção? Como explicar a alegria desse encontro, que é uma descoberta e um nascimento não apenas para aquele que chega, como também para aquele que aguardava. Mesmo a literatura — de um João Guimarães Rosa — mal ousa esclarecer e esgotar esse acontecimento, essa experiência com um fato que é também um mistério.

Sua literatura, sem esclarecer ao leitor definitivamente o enigma, aberta a tantas outras interpretações, quase flerta com um ensaio, quando, ao lançar mão de conceitos

<sup>26</sup> GUIMARÃES ROSA, J., *O espelho*. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 127.

<sup>27</sup> GUIMARÃES ROSA, J., *O espelho*. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 127.

como alma, mundo e existência, aborda temas tradicionalmente de alçada metafísica. Avança, recua, tateia para provocar o leitor a segui-lo, mas incentivando-o a dar o salto por si mesmo, para alcançar suas próprias conclusões ou indagações, não apenas sobre o texto, mas também sobre a vida. Para a literatura, trata-se sempre da vida estendida.

Devia ou não devia contar-lhe, por motivos de talvez. Do que digo, descubro, deduzo. Será, se? Apalpo o evidente? Tresbusco. Será este nosso desengonço mundo o plano — intersecção de planos — onde se completam de fazer as almas?

Se sim, a “vida” consiste em experiência extrema e séria; sua técnica — ou pelo menos parte — exigindo o consciente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra? Depois, o ‘salto mortale’... — digo-o, do jeito, não porque os acrobatas italianos o aviventaram, mas por precisarem de toque e timbre novos as comuns expressões, amor-tecidas... E o julgamento-problema, podendo sobrevir com a simples pergunta: — ‘Você chegou a existir?’<sup>28</sup>

Após a experiência do novo encontro, o narrador procura, ainda que de forma aberta, sem deduções ou demonstrações lógicas, abranger o processo pelo qual passou na forma de uma só grande experiência. Como parte dela, comparece mais uma vez uma “técnica” de “consciente alijamento”, que pode dar a impressão de querer resgatar o primeiro experimento no espelho. Porém, já não se trata de buscar uma essência individual soberana, autônoma, livre de todas as possíveis influências, e sim de poder “abstrair e abstrar”, discernir a qualidade dos encontros, ou ainda, “aprender a não ver” “o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra”<sup>29</sup>. Como o que favorece o crescer da alma são as semelhanças e diferenças que a impulsionam — em detrimento daquelas que a aprisionam —, não se trata de buscar o isolamento, mas de ser seletivo, o que não conseguimos por mera análise lógica e racional. Para que se eleve, para que tenha seu crescimento impulsionado, a alma deve seguir a intuição e ser conduzida pelos afetos agregadores, que comovem no modo de ser da “alegria”.

Viver tal experiência da descoberta de si pelo amor e pela paternidade pode favorecer um apego maior aos mistérios, uma procura por sentidos para além dos habituais, que estão sob a alçada da razão — sentidos transcendentais. Algumas experiências de transbordamento de si, de êxtase, podem significar ou provocar insatisfações profundas com aquilo que já está facilitado — o imediato —, quando isso obstrui o crescimento. Intui-se uma ordem inapreensível às categorias racionais, em uma experiência que não pode evitar de se voltar para um sentido mais abrangente, cuja origem e fim nos escapam, mas do qual participamos o tempo todo e que para nós começa no simples fato de existirmos, sermos marcados e marcarmos outras existências. Este mundo de mistérios parece então um plano em que os elementos e os processos não são todos contínuos, nivelados, chapados, mas em que podem se reconhecer refletidos uns nos outros, o plano dos planos integrados. O plano em que as almas se completam, que se fazem umas às outras. O espelho plano remete ao plano da existência, que é ser intersecção de planos, possibilidade de espelhamento, não de identidades, mas de semelhanças que impulsionam a alma a encontrar sua diferença. Afinal, a alma é um tropo do mundo, formada nos desvios das relações de semelhança.

<sup>28</sup> GUIMARÃES ROSA, J., *O espelho*. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 128.

<sup>29</sup> Em *Grande sertão: veredas*, esse problema poderia ser trabalhado como busca do simbólico no humano — aquilo que reúne —, em detrimento do diabólico — aquilo que separa —, e que não é coisa de outro mundo, “nonada”, mas o que, no domínio dos fatos (transcendentais), divide e aparta (cada um de si): “Amável o senhor me ouviu, minha ideia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia”. GUIMARÃES ROSA, J., *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 624.

Assim, a diferença não resulta da desarmonia e do conflito, que muitas vezes favorecem a indiferença. Ela é resultado do aprendizado da conformidade e da alegria, que não acontece em um processo contínuo, mas por experiências e saltos, que muitas vezes requerem longas preparações, nas quais até perder a si mesmo pode ser uma etapa importante.

*Salto mortale* não é o salto para a morte, como se todo esse plano no qual os seres vivos se empenham para criar sentido (como parte de um sentido maior) quedasse e sumisse no vazio. O salto mortal é dirigido para a diferença capaz de imprimir uma marca, um diferencial na alma, o que efetivamente se cumpre até o momento da morte, e possivelmente para além dele, mesmo que o impulso seja tomado em vida e na direção da vida.

A direção mais significativa, e talvez a mais difícil e a mais *impulsiva*, seja a que orienta o salto para o amor. *Salto mortale* é uma expressão necessária para dar “toque e timbre” novos às “comuns expressões” usadas para falar do amor, desgastadas, amortecidas, embora de “amor-tecidas”. Novas imagens, novas expressões, de novas almas, como tropos de um mundo, que é como uma rede de semelhanças e que pode ser uma rede de amparo.

## RELAÇÕES DE PARENTESCO NA ANTROPOLOGIA, NA PSICANÁLISE E EM “CAMPO GERAL”

*Primeiras estórias* não é uma antologia dos primeiros textos de Guimarães Rosa. São histórias que remetem à narrativa popular e tratam de relações humanas estruturais, como as fábulas. Não porque encontrem algo inato na alma, mas porque as comunidades humanas se organizam em núcleos coletivos que desenvolvem algumas dinâmicas fundamentais. Tais estruturas podem ser encontradas por meio de relações de semelhança internas aos contos e também entre os contos. Para percebê-las, é preciso dar especial atenção às relações de parentesco, sem esquecer que elas possuem dinâmicas complexas e diversas.

Parentesco é um termo central no saber antropológico. Não pretendemos seguir exatamente o conceito tal como foi apresentado por Lévi-Strauss e diversos outros antropólogos. Basta-nos, aqui, esclarecer que em comum entre a leitura que propomos dessa obra e a antropologia está o fato de que a importância das relações de parentesco aumenta entre as pessoas que nascem e vivem em pequenos povoados, sem muita possibilidade de locomoção. Há um século, essa era a forma mais disseminada de organização social na Terra, e coincide com o cenário geral das histórias de Guimarães Rosa, que retratam o interior do país, particularmente o sertão.

Para Lévi-Strauss, a ameaça de cruzamentos biológicos produzirem defeitos genéticos, além das tensões sociais decorrentes da possível competição entre familiares, fez com que comunidades produzissem regras que autorizassem alguns tipos de relação matrimonial e de comunicação social em detrimento de outros. Segundo ele, tais regras de comportamento teriam correspondências no sistema linguístico da comunidade. Essa concepção o levou a ser criticado por antropólogos que o acusaram de privilegiar uma suposta semiologia universal alicerçada na estrutura da mente humana e não em fatos empíricos, deixando em segundo plano a experiência de campo<sup>30</sup>.

Ao ler *Primeiras estórias*, mesmo sem qualquer conhecimento prévio de antropologia, é possível notar que as relações de parentesco são uma temática central nas

---

<sup>30</sup> Vale observar que, enquanto Lévi-Strauss espera que a observação empírica confirme um sistema de linguagem universal, a análise que Foucault faz dos tropos e sua investigação sobre a linguagem pretendem mostrar como as operações de desvio da norma linguística não antecedem, mas participam de transformações em normas sociais, políticas, morais e culturais.

narrativas. Entretanto, antes de retomar a leitura dos contos, é preciso dizer que as ligações que nos interessam não se resumem aos casais. Já vimos, e ainda veremos em outros contos do livro, questões que também envolvem a relação entre pais e filhos. Por essa razão, a psicanálise não poderia deixar de ser considerada em um estudo interessado no entrecruzamento da literatura rosiana com os saberes das humanidades. Limitamo-nos aqui a mencionar a ampla discussão a respeito da função paterna presente em autores como Freud, Melanie Klein, Lacan e Laplace<sup>31</sup>. Em Freud, o pai comparece como o adversário de toda criança que busca o pleno amor de sua mãe, despertando sentimentos ambivalentes de amor e ódio. Já para Lacan, a figura paterna cumpre a importante função de estabelecer um corte (um não) que permite à criança romper a relação simbiótica com a mãe e construir sua própria identidade. Chamam especial atenção — como preparação para o que veremos à frente na análise do conto “A terceira margem do rio” — as advertências de Lacan com relação à ausência de alguém que exerce a figura paterna para a construção de uma personalidade própria<sup>32</sup>.

É certo, porém, que devemos privilegiar as relações entre os próprios textos literários. Na novela “Campo geral”, do livro *Manuelzão e Miguilim*, os vínculos de parentesco são diversos, pois colocam em questão as ligações entre pais e filhos, entre irmãos e entre casais. Como ler as relações de semelhança ou interseção de planos em “Campo geral”? Convém pelo menos esboçar algumas possibilidades que iluminem os tropos presentes nessa novela extraordinária. Para isso, devemos focar em quatro personagens: o garoto Miguilim, seu irmão Dito, seu pai Nhô Bero e o Tio Terêz. Dois irmãos meninos, dois irmãos adultos. Entre eles, o tempo, os laços da fraternidade e, no caso dos adultos, o ciúme em razão do amor pela mesma mulher. Na distância entre os sonhos da infância e a sanha da maturidade, severas amarguras. Entre todos eles, a recorrente ameaça da morte, que deverá os dividir e também os unir.

Entre as semelhanças com referências culturais externas mais recorrentes, destacamos a figura de Caim, como uma ameaça de que o conflito entre irmãos adultos não seja exceção, mas uma espécie de pecado original, que um dia também deve se interpor entre os irmãos que ainda são crianças. A imagem de Caim é projetada sobre Tio Terêz e faz uma estranha rima com Miguilim. Entretanto, o próprio garoto tem opinião diferente sobre o tio, o que leva o leitor a suspeitar de que o assassino invejoso poderia ser o pai, Nhô Bero: “Tio Terêz não parecia com Caim, jeito nenhum. Tio Terêz parecia com Abel”<sup>33</sup>.

Outras semelhanças sonoras aparecem, abrindo caminhos para Miguilim em direções menos viciosas e mais virtuosas: “A Rosa tinha ensinado Papaco-o-paco a gritar, todas as vezes: — Miguilim, Miguilim, me dá um beijim!...”<sup>34</sup> Guimarães Rosa cria a personagem Rosa, que ensina o papagaio Papaco-o-paco a repetir um pedido, um encontro sonoro, que expressa um encontro afetivo. Quando, em vez de beijinho, a língua é reinventada — beijim — para aderir à vida de Miguilim, é a própria linguagem que se torna viva.

No transcorrer da história, Tio Terêz, para evitar o conflito com o irmão, parte para longe. Dito, o irmão menor, adoece e morre. É importante destacar que Dito já havia verbalizado seu medo de morrer: “Eu tenho. Não queria ir para o Céu menino pequeno”<sup>35</sup>.

<sup>31</sup> Cf. PRADO, T., *Foucault e a linguagem do espaço*. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Perspectiva, 2018 (capítulos “Hölderlin, o ego e o eco”, “Os tropos de Roussel” e “Tropo e entropia”).

<sup>32</sup> Na medida em que não se trata de relações estabelecidas pelo sexo de nascimento, mas por funções exercidas nas relações sociais, seria possível desenvolver uma leitura segundo a qual a função paterna na infância do narrador é ou não é exercida pela mãe, enquanto há uma relação simbiótica, de identificação com o pai.

<sup>33</sup> GUIMARÃES ROSA, J. Campo geral. In: *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 51.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 106.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 44.

Entretanto, Guimarães Rosa cuidará de mostrar que o destino de Dito não se cumpriu tal como ele temia, porque Dito foi para o Céu menino gigante.

O papagaio, que até então não sabia falar seu nome, resume sua passagem na Terra, como o mais querido por todos: “Dito, expedito! Dito, expedito!”<sup>36</sup>. Guimarães Rosa, mais uma vez, pronunciando-se por meio da personagem Rosa, consola o leitor com palavras de sabedoria mística:

Só a Rosa parecia capaz de compreender no meio do sentir, mas um sentimento sabido e um compreendido adivinhado. Porque o que Miguilim queria era assim como algum sinal do Dito morto ainda no Dito vivo, ou do Dito vivo mesmo no Dito morto. Só a Rosa foi quem uma vez disse que o Dito era uma alminha que via o Céu por detrás do morro, e que por isso estava marcado para não ficar muito tempo mais aqui. [...] E disse que o Dito parecia uma pessoa velha, muito velha em nova.

Miguilim se agarrou com a Rosa, em pranto de alívio; aquela era a primeira vez que ele abraçava a Rosa<sup>37</sup>.

Quando algum tempo depois Miguilim adoece, Nhô Bero, sempre muito severo, ao temer perder outro filho doente, com Miguilim faz as pazes e cuida dele da melhor forma que pode. Porém, coisas demais pesam sobre o homem, e ele tira a própria vida, enfocando-se.

Miguilim se recupera. Tio Terêz retorna para morar com a família e trabalhar no campo, no lugar de Nhô Bero. Quando certo dia passa pela vizinhança um doutor a cavalo e esse senhor puxa conversa com Miguilim, acabam descobrindo que o garoto precisa usar óculos. Afeiçoado a Miguilim, ele se oferece para levá-lo para a cidade e colocá-lo em escola para que, mais tarde, aprenda um ofício. Antes de partir, Miguilim pede mais uma vez para que o doutor lhe empreste os óculos, para que possa se despedir vendo a todos com clareza e os guardar melhor na lembrança. Ao olhar em volta, Miguilim conclui que o Mutum, o lugar onde vivia, era realmente bonito, como diziam.

Aproximando-se do tio, o garoto sorri e diz: “Tio Terêz, o senhor parece com Pai...”<sup>38</sup> — palavras que ampliam as relações de semelhança no plano mundano e, quem sabe, além, no “campo geral”.

## A AUSÊNCIA PATERNA NO CONTO “A TERCEIRA MARGEM DO RIO”

A relação entre os contos “O espelho” e “A terceira margem do rio”, de *Primeiras estórias*, é especialmente notável. Como vimos, o primeiro narra a história de um homem tomado por afetos negativos e que, após perder a si mesmo, se reencontra na relação terna com o filho. Veremos agora que “A terceira margem do rio” é a história de um filho — o narrador —, que perde a si mesmo em razão da admiração ou dependência do pai, ao dedicar sua vida a apoiar um projeto que jamais pôde compreender, sempre à espera de ser reconhecido pela generosidade de seus gestos.

Já de início, o título da história chama atenção. Evidentemente, os rios não possuem uma terceira margem. É preciso que a procuremos em outro plano, para além do geográfico, que poderia ser o transcendente, sempre partindo do domínio dos fatos. Como encontrar uma imagem para algo transcendente, ao menos insinuado como tal, é um desafio propriamente literário, de modo que desde o título o conto nos coloca em um território de estranhamento, que surge por contraste com o território da vida comum.

<sup>36</sup> GUIMARÃES ROSA, J. Campo geral. In: *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 125.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 123-124.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 152.

Por isso, o narrador começa a contar a história do momento anterior à experiência crítica que irá apresentar:

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa<sup>39</sup>.

Até então, não havia nada de extraordinário. O que se mostra estarrecedor é que a canoa não serviria para os fins normalmente esperados, como transporte, pesca ou lazer. O pai passa a viver à deriva na embarcação, sem outro destino, sem retornar nem partir. Sobretudo, jamais explicou a nenhum parente o que pretendia com aquela decisão, como se somente ele pudesse compreender e experienciar seu novo plano de vida.

Talvez o projeto já estivesse inteiramente decidido desde o momento em que a canoa foi encomendada<sup>40</sup>. Talvez tenha sido completado no decorrer das últimas relações travadas com a mulher e com os filhos — principalmente, o narrador. Em todo caso, a descrição da despedida sugere que o pai, mesmo antes de partir, já começara a habitar as frinhas, o fulgor das relações, da comunicação, da possibilidade de entendimentos mútuos. Mesmo então ele já não se fazia compreender claramente, indicando que, na hora da despedida, é como se já tivesse partido. De todo modo, o pouco que fez foi o suficiente para fortalecer seu vínculo com o narrador:

Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beiço e bramou: — “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!” Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que com um propósito perguntei: — “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na gruta do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sobre dela por igual, feito um jacaré, comprida longa<sup>41</sup>.

Embora se trate de uma história cujo sentido deve ser buscado em uma interpretação simbólica, somos também desafiados a imaginar como uma situação dessas pode ser minimamente plausível no domínio dos fatos. O autor ocupou-se em nos oferecer esses parâmetros, esclarecendo, por exemplo: “Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso”<sup>42</sup>. Esta imagem faz crer que, ao dormir, o pai ainda estava amarrado ao mundo, a uma ponta qualquer de estabilidade, mesmo que durante a vigília vivesse na inconstância da correnteza, que o levaria embora, se ele não fizesse o esforço para permanecer ao mesmo tempo perto e distante.

Além da necessidade de amarrar a canoa durante o sono, havia outra condição de existência que, na realidade, dependia dos outros, principalmente do narrador:

No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a ideia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal

<sup>39</sup> GUIMARÃES ROSA, J. A terceira margem do rio. In: *Primeiras estórias*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 79.

<sup>40</sup> Essa hipótese é sugerida pela seguinte passagem: “Seja que, quando eu quis mesmo saber, e firme indaguei, me diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa”. *Ibidem*, p. 84.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 80.

<sup>42</sup> GUIMARÃES ROSA, J. A terceira margem do rio. In: *Primeiras estórias*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 82.

nosso experimentou de acender fogueiras em beirada de rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava<sup>43</sup>.

Somos levados a crer que o pai não queria que chamassem por ele, nem que rezassem por ele, mas que não via problema em ser ajudado em sua tarefa, quando se tratava de o alimentarem. Indiretamente, outros participavam. Essa é a primeira diferença entre o comportamento do narrador e o restante da família. O filho não o tenta convencer a fazer ou a ser outra coisa. Sua dedicação a esse pai é tamanha, que no primeiro momento ele é capaz de se esforçar, e até mesmo de se sacrificar pelo pai, sem compreender o que o pai está fazendo. Porém, como o caso é narrado de maneira retrospectiva, podemos perceber que o narrador insere nessa fala um juízo sobre a participação que assumia: “No que num engano”. O que fez foi um engano; ele fez no engano ou talvez sendo enganado.

Diante da situação de falta de reciprocidade do pai, ou simplesmente por escolherem realizar projetos pessoais, os outros parentes aos poucos definem outros planos e seguem suas vidas:

Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida<sup>44</sup>.

A diferença entre a decisão dos parentes de partir e o caminho tomado pelo pai é que, para fazer as próprias escolhas, não precisaram romper os canais de comunicação. Somos levados a pensar que o pai optou pela desunião com o mundo humano, e que a única razão para não ter ido para mais longe foi contar, como exceção, com o apoio do filho. Parece ter sido essa também a compreensão do narrador, quando suas palavras tomam mais incisivamente um aspecto de lamento, não apenas pela situação do pai, como também pela própria condição: “Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no ermo — sem dar razão de seu feito”<sup>45</sup>.

Embora afastados no espaço, a situação extrema em que se colocaram é de um vínculo raro, de uma dependência ou codependência radical. A solidão do pai, “na vagação, no rio no ermo”, pesava tanto sobre o filho na forma de compaixão, que ele não pôde pensar em si mesmo. Todos foram embora, só ficando ele com os restos do plano que o pai estabeleceu. Na consolidação da dinâmica entre os dois, esses restos acabam tornando-se o plano. Sem outro em vista, tornar esse plano o sentido de sua vida foi o que restou.

Façamos uma breve pausa na leitura do conto para recorrer a outra imagem que pode emprestar ricas possibilidades de interpretação. Em sua investigação sobre o tempo e o movimento, o filósofo Henri Bergson afirma que a imobilidade absoluta não existe. Em nossa percepção, ela é o efeito de dois observadores que estão em movimento na mesma direção e na mesma velocidade, como ocorreria com dois passageiros separados em dois trens. Bergson propõe que esses dois viajantes poderiam pelas janelas se darem as mãos, com a impressão de estarem imóveis. É preciso que haja outra coisa fora desse sistema de movimento para mostrar que eles não se encontram realmente imóveis<sup>46</sup>. Em situação semelhante, o rio do conto de Guimarães Rosa é como essa triste lembrança da vida que passa enquanto o pai e o filho se colocam à margem de seu movimento. Se as

<sup>43</sup> GUIMARÃES ROSA, J. A terceira margem do rio. In: *Primeiras estórias*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 81.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 83.

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 83-84.

<sup>46</sup> BERGSON, H., A percepção da mudança. In: *O pensamento e o movente*. Trad. de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 165.

duas margens são o que parece permanecer diante do movimento das águas que passam, a terceira margem seria também uma ilusão de permanência. Embora geograficamente separados, eles se encontram unidos à margem do movimento da vida, que é sempre mudança, transformação e que exige que escolhas sejam feitas que correspondam a essa realidade. A prisão em que os dois se encontram — um preso ao outro — pode ser uma interpretação possível para o símbolo da terceira margem do rio. Ainda que inicialmente seja sugerida como metáfora de um feito extraordinário, ela se converte em uma transcendente imobilidade que os aprisiona em um “sistema” apartado da realidade.

Uma vez que dessa terceira margem não se pode deixar de perceber que a vida passa, que ambos estão envelhecendo sem propriamente viverem nada que seja novo — e, o que é pior para o narrador, nada que seja criação sua —, a visão da vida expressa pelo narrador é sofrida: “Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausências: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo da velhice — esta vida era só o demoramento”<sup>47</sup>.

Tamanho sofrimento é apresentado pelo narrador como um sentimento de culpa<sup>48</sup>. Ele o carregaria por não ter sido capaz de encontrar outro sentido para sua vida. Todavia, o confronto com o pai é uma ideia que ele não chega a formular e articular, o que favorece o sentimento de culpa e a procura por uma solução precária:

Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. Eu fui tomando ideia. [...] Só fiz que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — “Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...” E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo<sup>49</sup>.

Pareceu ao narrador que tomar o lugar do pai na canoa seria uma forma de não ficar de resto, de tomar uma decisão própria e fazer algo diferente do que fizera desde criança. Ele se tornaria, finalmente, o protagonista de sua história. Com essa possibilidade, seu coração “bate no compasso”, não das decisões do pai, mas do “mais certo”, do seu próprio caminho. Era algo que ele talvez desejasse fazer.

Entretanto, será que realmente desejava? Ou buscava apenas expiar a culpa? Aonde, afinal, seria levado por esse caminho? Por acaso, alguma direção diferente daquela estabelecida pelo pai? O mais provável é que apenas invertessem a posição em uma mesma relação de “compasso”, uma mesma imobilidade relativa — se é que o pai faria por ele o que ele havia feito pelo pai. Será que, quando chegasse sua hora na canoa, o narrador teria a mesma força de vontade, a mesma gana de se esforçar por algo que parecia para ele sem sentido? Se jamais encontrou sentido, por que agora encontraria? E, no entanto, o pai

<sup>47</sup> GUIMARÃES ROSA, J. A terceira margem do rio. In: *Primeiras estórias*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 84. Essa passagem lembra algumas palavras de Machado de Assis em *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Além de descrever a vida como um “enxurro perpétuo”, Machado afirma: “A pior filosofia é a do choramingas, que se deita à margem do rio para o fim de lastimar o curso incessante das águas”. Cf. MACHADO DE ASSIS, J., *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

<sup>48</sup> Na psicanálise — em textos como “Dostoiévski e o parricídio”, de Freud —, esse sentimento está relacionado ao desejo inconsciente de matar o pai. Não literalmente, mas como figura de autoridade que não deve, depois que um homem atinge a idade adulta, continuar a definir seus passos. Cf. FREUD, S. Dostoiévski e o parricídio. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1974. V. 21.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 85.

concordou com a proposta e respondeu com um “saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos!”<sup>50</sup>.

Os anos, além de muitos, foram tamanhos, porque a vida sem propósito, sem ambições e desejos próprios, era “só demoramento”. O tempo parecia se arrastar, na espera de um retorno e uma resposta. Quando toma sua decisão, seu coração “bate no compasso do mais certo”, mas aquele saudar “pareceu vir: da parte de além”. O narrador, apavorado, foge culpado, “pedindo, pedindo, pedindo um perdão”<sup>51</sup>. Para escaparmos de uma extração de excessiva literalidade na qual o filho vê uma assombração, é provável que, vendo além, ele tenha antevisto o momento em que se encontraria sozinho na canoa, sem ninguém para lhe amparar. Afinal, o projeto — incompleto — de viver sozinho ou reduzido àquela única dependência era do pai, não do filho. O compasso que naquele momento sentiu como mais certo seria em algum momento quebrado. O que restaria depois?

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rastos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio<sup>52</sup>.

Fora a possibilidade de ter ocorrido algum acidente desconhecido, a partida do pai depois da fuga do filho é um indício de que, sejam lá quais fossem seus planos, ele envolvia o filho. O “grave frio dos medos”, do qual sofre o filho no fim, ele sofreu também desde o início: o medo do abandono. Quando se vai, o narrador não está em busca de nada; apenas foge, em atitude que se assemelha bastante à partida inicial do pai. Como projeto falho e falido, ele é o que ficou imóvel, “o que não foi”, o que, cumprindo o plano de reproduzir a imagem do pai, de nele se espelhar, “vai ficar calado” — em seu caso, porque foi calado e se permitiu calar. “No artigo da morte”, que, depois de antever, ele teme abreviar, espera que peguem nele, que não o deixem sozinho, e o depositem, como em um caixão, que é uma “canoinha”, “nessa água, que não para”. Mesmo além da morte, o que há é movimento incessante: “rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio”.

## CULPA EM “OS IRMÃOS DAGOBÉ” E “SORÔCO, SUA MÃE, SUA FILHA”

Diferentemente dos conceitos, as semelhanças entre as coisas são mais vastas que as próprias coisas. Para “elegê-las”, como sugere a obra de Guimarães Rosa, é preciso que haja algum critério extrassensível mais forte do que uma decisão arbitrária, fazendo com que elas se mostrem sempre já eleitas. Entretanto, não devemos supor uma ordenação cronológica, reduzindo as relações de semelhança a relações de causa e efeito.

Não há critério objetivo no plano da percepção ou da lógica. Semelhanças e afetos formam, no transcorrer das histórias, no tempo, um contínuo entrelaçamento, uma consubstancialidade primeira. Os afetos mobilizados nos novos acontecimentos, mas que certamente já possuem também uma história, oferecem oportunidade para que se revelem as semelhanças com as quais se articulam. No tempo, novas eleições ocorrem, que não necessariamente contradizem as anteriores, podendo intensificar e expandir laços com novas referências.

<sup>50</sup> GUIMARÃES ROSA, J. A terceira margem do rio. In: *Primeiras estórias*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

<sup>51</sup> *Ibidem*.

<sup>52</sup> *Ibidem*.

Retomemos o belíssimo exemplo de “Campo geral”, do conforto oferecido por Rosa a Miguilim após a morte de Dito, para ampliarmos as relações já propostas:

E precisava perguntar a outras pessoas — o que pensavam do Dito, o que achavam dele, de tudo por junto; e de que coisas acontecidas se lembravam mais. Mas todos, de Tomezinho e Chica a Luisaltino e Vovó Izidra, mesmo estando tristes, como estavam, só respondiam com lisice de assuntos, bobagens que o coração não consabe. Só a Rosa parecia capaz de compreender no meio do sentir, mas um sentimento sabido e um compreendido adivinhado. Porque o Miguilim queria era assim como algum sinal do *Dito morto* ainda no *Dito vivo*, ou do *Dito vivo* mesmo no *Dito morto*. Só a Rosa foi quem uma vez disse que o Dito era uma alminha que via o Céu por detrás do morro, e que por isso estava marcado para não ficar muito tempo mais aqui. E disse que o Dito falava com cada pessoa como se ela fosse uma, diferente; mas que gostava de todas, como se todas fossem iguais. E disse que o Dito nunca tinha mudado, enquanto em vida, e por isso, se a gente tivesse um retratinho dele, podia se ver como os traços do retrato agora mudavam. Mas ela já tinha perguntado, ninguém não tinha um retratinho do Dito. E disse que o Dito parecia uma pessoinha velha, muito velha em nova.

Miguilim se agarrou com a Rosa, em pranto de alívio; aquela era a primeira vez que ele abraçava a Rosa<sup>53</sup>.

Até mesmo quando se trata do autor, o que precariamente chamamos de identidade não é um referencial estável e absoluto, não se constitui fora das relações de semelhança que encontramos em sua obra. O autor revela-se nas recorrências do que propõe, por exemplo, que há um “sentimento sabido” e um “compreendido adivinhado”. Embora isso tenha sido apresentado como características da personagem Rosa, é claramente também o que permitiu a Dito ser uma alminha que “via o céu por detrás do morro”. Foi algo que Rosa encontrou em Dito. Dadas essas recorrências, podemos dizer que esse método intuitivo está no autor Guimarães Rosa, em sua literatura e na mística que há em sua literatura ao tratar da vida e da morte de seus personagens.

Como temos visto, há destaque para as relações de parentesco. Isso não significa que nessas relações entre temáticas recorrentes haja apenas amor, afinidade, afetos positivos que garantiriam a formação de uma personalidade. Se exigirmos esses esquemas cômodos, as histórias tornam-se obscuras, de modo que somos conduzidos a encontrar outros esquemas — como são os tropos, semelhanças e parentescos —, que ofereçam um pouco mais de clareza em um universo tão desafiador, sem a pretensão, evidentemente, de alcançarmos uma interpretação cabal.

Um dos diferenciais do trabalho de Guimarães Rosa consiste em revelar que o compromisso com o semelhante — o espelho que coloca cada um diante de si mesmo — nem sempre favorece o tropo, a alma como diferença: ser-próprio. Vimos, em “O espelho”, que os encontros no mundo são “onde se completam de se-fazer as almas”, mas se trata somente de uma possibilidade, que exige abertura e enfrenta o risco do fechamento, do engessamento do movimento, ou seja, de abortar o “salto”. Em “A terceira margem do rio”, na transcendência da realidade movente para uma relação imobilizadora, a experiência foi desperdiçada. A vida do narrador não encontrou seu tropo, não encontrou a si mesma, não se fez alma. Des-animado, resta esperar que outros o peguem e o depositem em uma canoinha simbólica, com um gesto literal.

Entre os afetos mais densos na correspondência com as relações de semelhança está, como vimos, o sentimento de culpa — grande perigo impedindo que a vida prossiga para a diferença. A culpa aprisiona; imobiliza na repetição. Entretanto, há muitas formas de culpa. Como defini-la em um só sentido? Esse substantivo encerra e reduz muitas

<sup>53</sup> GUIMARÃES ROSA, J. Campo geral. In: *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 124.

experiências possíveis. Agora ampliaremos essa análise na direção de mais dois contos, “Os irmãos Dagobé” e “Sorôco, sua mãe e sua filha”.

Comecemos por “Os irmãos Dagobé”. Um irmão não é jamais um espelho fiel, mas coloca a possibilidade de reconhecer o desvio de trajetória, a diferença, a partir de um fundo compartilhado. Esta constatação não se dá apenas de forma retrospectiva. Quem tem irmão se forma, durante a infância e a juventude, como crítico — avaliador das distâncias e dos limites — do outro, do solo comum e de si mesmo e encontra a oportunidade de construir para si um caminho próprio, de projetar-se na diferença. Essa relação de parentesco é capaz de ensinar empatia com a alteridade e perseverança nos próprios projetos. É um estímulo para que ambos encontrem o melhor que podem ser. Às vezes, porém, a relação que se estabelece não é de igualdade e sim hierárquica. Nesses casos, sem o necessário esforço de desvio, ela pode desembocar em um lugar semelhante ao que vemos em “A terceira margem do rio”, na relação entre o pai e o filho, ou seja, em novo caso de “estreita desunião”.

Enorme desgraça. Estava-se no velório de Damastor Dagobé, o mais velho dos quatro irmãos, absolutamente facínoras. A cara não era pequena; mas nela mal cabiam os que vinham fazer quarto. Todos preferiam ficar perto do defunto, todos temiam mais ou menos os três vivos.

Demos, os Dagobés, gente que não prestava. Viviam em estreita desunião, sem mulher em lar, sem mais parentes, sob a chefia despótica do recém-finado. Este fora o grande pior, o cabeça, ferrabrés e mestre, que botara na obrigação da ruim fama os mais moços — “os meninos”, segundo seu rude dizer<sup>54</sup>.

Entre as coisas que se assemelham, há aquelas que possuem semelhanças mútuas e aquelas que se parecem a algo que lhes serve de modelo. As primeiras assemelham-se mais às próprias coisas da realidade, como ervilhas que se parecem em forma, em cor e em tamanho. As outras dependem mais da intervenção do pensamento, porém estas podem se materializar, na relação entre seres vivos, como se a vida presasse mais pelo princípio da dessemelhança do que da semelhança, e tivesse que fazer muito esforço para restabelecer para si a semelhança na qual pode haver diferença não hierárquica.

O conto demonstra que, entre os Dagobé, em vez de igualdade fraternal, vigorava até o incidente algo mais próximo do despotismo. Por isso mesmo, esperava-se que houvesse, da parte dos irmãos que viviam concordes a essa lei, uma segura inclinação à vingança contra o responsável pela morte de Damastor. Ocorre, entretanto, que no incidente, tal como ficou esclarecido, o primeiro agressor foi o “demo” Damastor. Liojorge, o responsável pela morte do primogênito, teria agido apenas em legítima defesa. Todos os que acompanhavam o caso, e o próprio Liojorge, davam como certo que os irmãos perseguiam o rapaz em busca de vingança logo que terminasse o enterro e que não haveria jeito de escapar. Restou a Liojorge armar-se de coragem para tentar argumentar. Apresentou-se:

[...] afiançava que não tinha querido matar irmão de cidadão cristão nenhum, puxara só o gatilho no derradeiro instante, por dever de se livrar, por destinos de desastre! Que matara com respeito. E que, por coragem de prova, estava disposto a se apresentar, desarmado, ali perante, dar a fé de vir, pessoalmente, para declarar sua forte falta de culpa, caso tivessem lealdade<sup>55</sup>.

<sup>54</sup> GUIMARÃES ROSA, J. Os irmãos Dagobé. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 73.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 76.

Assim como a culpa tem a força de imobilizar, aprisionar, a falta de culpa ou inocência na vontade de seguir vivendo — que seja como “lavrador”, como alguém que cuida da vida — deve ser capaz de favorecer a mudança:

O rapaz Liojorge esperava, ele se escorregou em si. Via só sete palmos de terra, dele diante do nariz? Teve um olhar áduo. À pandilha dos irmãos. O silêncio se torcia. Os dois, Dismundo e Derval, esperavam Doricão. Súbito, sim: o homem desenvolveu os ombros; só agora via o outro, em meio àquilo?

Olhou-o curtamente. Levou a mão ao cinturão? Não. A gente, era que assim previa, a falsa noção do gesto. Só disse, subitamente ouviu-se: — “Moço, o senhor vá, se recolha. Sucedeu que o meu saudoso Irmão é que era um diabo de danado...”

Disse isso, baixo e mau-som. Mas se virou para os presentes. Seus dois outros manos, também. A todos, agradeciam. Se não é que não sorriam, apressurados. Sacudiam dos pés a lama, limpavam as caras do respingado. Doricão, já fugaz, disse, completou: — “A gente, vamosembora, morar em cidade grande...” O enterro estava acabado. E outra chuva começava<sup>56</sup>.

“A gente” previu no gesto, na relação de semelhança projetada em pensamento, uma intenção agressiva, esperando que se repetisse o comportamento de antes. Não viu que, na realidade, um desvio no comportamento dos irmãos vivos era esboçado. Pela escolha ou declaração de Doricão, apoiada pelos outros dois, foi rompida a cadeia de causas e efeitos que levaria à vingança. “Sacudiam dos pés a lama”. Algum tropo se interpôs e almas se salvaram.

Na superabundância da obra, há espaço para muitas nuances. Quanto mais parecerem próximas, mais devemos buscar diferenças. O sentimento de culpa que investigamos é um prisma oportuno para essa análise. “Sorôco, sua mãe, sua filha”, como último exemplo deste ensaio, trata dos sacrifícios de um homem viúvo, que vive com a mãe e a filha — ele é filho e pai. Sua situação consiste em precisar cuidar igualmente das duas com tanto dispêndio de esforços que até comove a gente da comunidade: “Todos diziam a ele seus respeitos, de dó. Ele respondia: — ‘Deus vos pague essa despesa...’”<sup>57</sup>.

A razão de sua sobrecarga é o fato de as duas mulheres sofrerem de uma doença mental. O governo intercede, e as duas deverão ser levadas para “hospícios”; Sorôco deve apresentá-las na estação de trem. Caminha então de braços dados com as duas, resignado com a decisão, porém também parecendo carregar um fardo.

Aí paravam. A filha — a moça — tinha pegado a cantar, levantando os braços, a cantiga não vigorava certa, nem no tom nem no se-dizer das palavras — o nenhum. A moça punha os olhos no alto, que nem os santos e os espantados, vinha enfeitada de disparates, num aspecto de admiração. Assim com panos e papéis, de diversas cores, uma carapuça em cima dos espalhados cabelos, e enfunada em tantas roupas ainda de mais misturas, tiras e faixas, dependuradas — virundandas: matéria de maluco. A velha só estava de preto, com um fichu preto, ela batia com a cabeça, nos docementes. Sem tanto que diferentes, elas se assemelhavam<sup>58</sup>.

O que compadece as pessoas em volta é ver que, naquela diligência, a vida de Sorôco foi imobilizada, passando a estar inteiramente a serviço das duas, sem reciprocidades ou contrapartidas. Pelos cuidados que recebem, elas não demonstram gratidão, como seria esperado. Não há sequer um canal de comunicação com a comunidade de pessoas sãs:

<sup>56</sup> GUIMARÃES ROSA, J. Os irmãos Dagobé. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 78.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 65.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 63-64.

“— ‘Ela não faz nada, seo Agente...’ — a voz de Sorôco estava muito branda: — ‘Ela não acode, quando a gente chama...’”<sup>59</sup>.

É preciso reparar que Sorôco se dirige a um “agente” com A maiúsculo, como “a gente”, ou seja, o impessoal, o consenso médio, o vulgo. Entretanto, surge um inesperado sinal de atenção, como uma experiência transcendente, de encontro em outro plano. A moça começa a cantar e a velha a segue, em um canto conjunto:

Mas a gente viu a velha olhar para ela, com um encanto de pressentimento muito antigo — um amor extremoso. E, principiando baixinho, mas depois puxando pela voz, ela pegou a cantar, também, tomando o exemplo, a cantiga mesma da outra, que ninguém não entendia. Agora elas cantavam junto, não paravam de cantar<sup>60</sup>.

Embora parecessem alheias a todos e a tudo, havia entre elas outra forma de comunicação, indecifrável aos demais, manifestada pela linguagem musical. Se não uma argumentação inteligível, havia claramente uma comunhão de sentimentos.

Não houve despedida formal, nos ritos comuns. As duas foram separadas e levadas, conduzidas como se fossem objetos. Não por desejo de Sorôco, “o triste homem lá, decretado, embargando-se de poder falar algumas palavras. [...], exemploso”<sup>61</sup>. A situação apenas havia escapado de seu controle, e ele devia se conformar e se resignar com isso.

Estava voltando para casa, como se estivesse indo para longe, fora de conta.

Mas, parou. Em tanto que se esquisitou, parecia que ia perder o de si, parar de ser. Assim num excesso de espírito, fora de sentido. E foi o que não se podia prevenir: quem ia fazer siso naquilo? Num rompido — ele começou a cantar, alteado, forte, mas sozinho para si — e era a cantiga, mesma, de desatino, que as duas tanto tinham cantado. Cantava continuando.

A gente se esfriou, se afundou — um instantâneo. A gente... E foi sem combinação, nem ninguém entendia o que se fizesse: todos, de uma vez, de dó de Sorôco, principiaram também a acompanhar aquele canto sem razão. [...]

A gente levando agora o Sorôco para a casa dele, de verdade. A gente, com ele, ia até onde ia aquela cantiga<sup>62</sup>.

O canto consonante, vínculo de afetos que se expressam nas relações de semelhança, pode ser “sem razão”. “A gente” se comoveu com aquele descaminho, que não foi apenas um desvio da sensatez, mas principalmente dos movimentos esperados para a vida — de encontros e trocas criadoras, que favoreçam o crescimento humano entre as partes. Não raro esses desvios ocorrem juntos, mas seria preciso investigar se os descaminhos da razão não são tardios e derivados de outros menos inteligíveis e de mais difícil expressão. Afinal, servimo-nos de conceitos. À exceção da capacidade de grandes escritores de tocar tantos mistérios com imagens, os conceitos podem facilmente traer a intensidade da experiência particular. O aparente silêncio muitas vezes pode ser uma reação à violência que a linguagem vulgar imprime às experiências limítrofes.

Guimarães Rosa reforça a ideia de que, se não há anterioridade entre semelhanças e afetos, há, contudo, um primado dessa trama sobre as articulações racionais,

<sup>59</sup> GUIMARÃES ROSA, J. Os irmãos Dagobé. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 64. Chama atenção aqui a semelhança com o conto “A terceira margem do rio”, embora em uma situação de parentesco ampliada, porque Sorôco era filho e pai. Vale destacar que “a gente”, no outro conto, sugere que a razão de o pai ter ido viver na canoa foi loucura, justamente por causa da perda da comunicação.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 65.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 64.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 66.

lógico-conceituais. Quando a razão “não mais acode, quando a gente chama”, pode ser que ainda haja um “canto sem razão”.

Comovida, “a gente” parece embarcar junto naquele trem, que levou as duas e Sorôco, oferecendo a ela o amparo que, tanto quanto pôde, ele ofereceu às duas. Revela-se, com isso, um desvio no movimento regular do mundo. Lidamos com um tropo na alma do mundo, não individualmente, mas no espírito coletivo.

Não devemos concluir disso uma evolução no sentido de que haja uma meta pré-estabelecida nos planos suprassensíveis da natureza. Entretanto, podemos dizer que há uma ampliação sensível, um ganho de intensidade, na possibilidade de comoção coletiva — um ganho de acessos ao extraordinário. O mundo é transfigurado por uma nova forma de transcendência. O que percebemos é que o problema não se reduz a uma oposição entre o individual e o coletivo, porque o extraordinário pode ser coletivo.

Embora sejam experiências da vida, a literatura possibilita que sejam partilhadas e, porque são coletivas, que sejam até mesmo alcançadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigamos algumas relações de semelhança em Guimarães Rosa não como espelhos que reproduzem a “vera forma”, mas como espelhos “côncavos, convexos, parabólicos — além da possibilidade de outros, não descobertos apenas, ainda”<sup>63</sup>. Nesse sentido, todo espelho metafórico e seus dispositivos correlatos no jogo das semelhanças contêm a possibilidade de produzir um tropo. A obra de Guimarães Rosa oferece uma visão de inigualável riqueza dessas possibilidades.

Podemos assumir que o conto “O espelho” oferece um método de leitura do trabalho de Rosa para lidar com o mundo como uma “interseção de planos — onde se completam de fazer as almas”. No plano mundano, coloca-se a possibilidade de as almas se formarem, mas pertencem também a esse conjunto de histórias os casos em que essa promessa não se cumpre, como em “A terceira margem do rio”.

Tanto o “espelho” como a “terceira margem do rio” são metáforas que sugerem fortemente uma atenção às semelhanças e aos desvios da forma instituída, os tropos. Considerando que o grande debate sobre o problema da linguagem na filosofia do século XX se deu em torno das possibilidades de que ela se institucionalize, em prol da clareza, ou que se renove, pela produção de diferenças que ao mesmo tempo signifiquem uma ampliação e uma transformação do mundo, parece, para nós, que a obra de Guimarães Rosa tem muitas contribuições a oferecer, desde que compreendamos que tais questões não pertencem exclusivamente à filosofia. Dedicando-nos a essa obra, podemos perceber o vasto campo de interesses temáticos comuns e a linguagem viva operando transformações em nosso mundo e em nós mesmos.

Parece-nos que, quando tratamos do aspecto movente ou vivo da linguagem (aliás, qualquer outro que a pretenda mortificar em prol da clareza não passa de ilusão), em vez de privilegiarmos conceitos, devemos partir das relações de semelhança. Quando examinamos essas relações na obra rosiana, não basta realizar análises formais ou estruturais para reconhecer os aspectos recorrentes. No caso de uma literatura de tão magníficas realizações, trata-se sobretudo de recolher a diversidade de modos como os tropos se diferenciam. Em resumo, o que buscamos foi os comparar e os explicitar no intuito de apontar sua multiplicidade e sua riqueza. O que descobrimos foram possibilidades radicais de apresentação da vida, quando ela procede com arte, quando faz o vivente

<sup>63</sup> GUIMARÃES ROSA, J. Os irmãos Dagobé. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 121.

não apenas buscar sobreviver, mas, conforme a epígrafe de Plotino em *Noites do sertão*, “dançar”. Embora as “estórias” sejam tão diversas, procuramos mostrar que há entre elas uma espécie de coreografia, na qual cada uma preenche o espaço deixado pelo movimento da outra, cada uma com seu desvio próprio, formando um grande “corpo de baile”<sup>64</sup>.

A visão desse movimento conjunto oferece uma rica oportunidade para que a filosofia reflita sobre os limites dos conceitos e procure modos de articular leituras, interpretações e inteligibilidades que possam participar dos movimentos colocados pelas obras literárias. Quando isso ocorre, filosofia e literatura têm muito a oferecer uma à outra. A filosofia — assim como a antropologia e a psicanálise — propõe esquemas capazes de ultrapassar o senso comum e a leitura apressada, superficial e rasa. Quando não aprisiona o leitor em um sistema fechado, em um monólogo consigo mesma, se servindo da literatura apenas para ilustrar sistemas concebidos de antemão, ou seja, quando se coloca em uma atitude de real e generoso interesse pela liberdade criadora que há na literatura, a filosofia oferece uma rede de apoio que permite ao leitor ensaiar seus próprios saltos.

A vida retratada na obra de Guimarães Rosa não é um *quantum* de força, uma reserva para ser dispendida, gasta, consumida e extinguida. Ela procura criar caminhos que renovem e intensifiquem sua força. Os tropos — um possível nome para essa experiência — são desvios em que os caminhos estão livres para crescer, se intensificar, se expandir.

Há muitas maneiras de tecer tramas reunindo tais histórias. Propusemos algumas por meio da relação entre fatos e possibilidades de transcendência, entre sentimento e sabedoria, entre distintas manifestações de culpa como risco de imobilização, e até mesmo por meio da presença de uma visão mística que daria a esses tropos uma direção comum. Percebemos que essas possibilidades de êxtase, de sair de si que, em vez de uma perdição, representariam um ir ao encontro de si, realizar um plano próprio, nunca se encontram previamente estabelecidas, mas comungam um caminho virtuoso, uma compreensão da vida que corresponde a um afeto específico. Essa virtude é exemplarmente encarnada, e desencarnada, nas falas e nos exemplos do menino Dito. “Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. A gente deve de poder ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro”<sup>65</sup>.

Se a linguagem não é mero meio convencional para comunicar raciocínios, mas um modo de participar das transformações do mundo, tropos são experiências de desvio da ordem — da linguagem-mundo repetitiva e impessoal. Para além de desvios fonológicos e morfológicos, tropo é descoberta de caminhos próprios, experiência de liberdade como desvio criador de novas formas de viver individual e coletivamente.

Vimos exemplos que demonstram que a alegria é seu afeto correspondente. A alegria da qual falam Dito e o narrador de “O espelho” é um “sentimento sabido” e uma “conformidade” que ao mesmo tempo encontra sua diferença. Não se trata de mero gracejo com frivolidades. Esse sentimento tampouco tem a ver com a impressão de “vivermos em agradável acaso, sem razão nenhuma, num vale de bobagens”<sup>66</sup> — “bobagens que o coração não consabe”<sup>67</sup>. Alegria é elevação desde laços de semelhança, de um vínculo

<sup>64</sup> *Corpo de baile* foi o título dado à obra que originalmente reunia sete novelas: “Campo geral”, “Uma história de amor”, “O recado do morro”, “Cara-de-bronze”, “A estória de Lélio e Lina”, “Dão-Lalalão” e “Buriti”. Posteriormente, Guimarães Rosa dividiu o livro em três volumes: *Manuelzão e Miguilim*, *No Urubuquaquá, no Pinhém* e *Noites do sertão*. A obra não inclui os contos de *Primeiras estórias*, mas sugerimos que um estudo aprofundado poderia reconhecer que as relações “coreográficas” aqui indicadas estão presentes no conjunto da obra de Guimarães Rosa.

<sup>65</sup> GUIMARÃES ROSA, J. Campo geral. In: *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 119.

<sup>66</sup> GUIMARÃES ROSA, J., O espelho. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 128.

<sup>67</sup> GUIMARÃES ROSA, J. Campo geral. In: *Op. Cit.*, p. 124.

movente com o mundo e o “campo geral”. Porque ligada a um propósito, não se confunde com o tipo de alegria que se opõe à tristeza, e pode inclusive coexistir com a tristeza, embora se sobressaia a ela.

Por saber que encontrou essa conformidade, a alma alegre de Dito se eleva no momento da despedida e mostra um caminho a seu irmão, que, ao deixar o Mutum, à sua maneira, parte alegre também.

Todos choravam. O doutor limpou a goela, disse: “— Não sei, quando eu tiro esses óculos, tão fortes, até meus olhos se enchem d’água...” Miguilim entregou a ele os óculos outra vez. Um soluçozinho veio. Dito e a Cuca Pingo-de-Ouro. E o Pai. *Sempre alegre, Miguilim... Sempre alegre, Miguilim...* Nem sabia o que era alegria e tristeza. Mãe o beijava. A Rosa punha-lhe doces-de-leite nas algibeiras, para a viagem. Papaco-o-Paco falava, alto, falava<sup>68</sup>.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. de Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Cultrix, 2008.
- BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. In: **Magia e técnica, arte e política**. Trad. de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGSON, Henri. A percepção da mudança. In: **O pensamento e o movente**. Trad. de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Lisboa: Relógio D’água, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Trad. de Inês Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (Coleção Ditos e escritos, v. III).
- FOUCAULT, Michel. **Raymond Roussel**. Trad. de Manoel Barros da Motta e Vera Lucia Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- FREUD, Sigmund. Dostoiévski e o parricídio. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1974. V. 21.
- LEACH, Edmund. **As ideias de Lévi-Strauss**. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1970.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Trad. de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. Sobre verdade e mentira no sentido extramoral. In: **Obra incompleta**. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

<sup>68</sup> GUIMARÃES ROSA, J. Campo geral. In: *Op. Cit.*, p. 152.

PRADO, Tomás. **Foucault e a linguagem do espaço.** Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Perspectiva, 2018.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas.** Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim (Corpo de baile).** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Noites do sertão (Corpo de baile).** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SARTRE, Jean-Paul. **A transcendência do ego.** Trad. de João Batista Kreusch. Petrópolis: Vozes, 2015.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas.** Trad. de Marcos Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 2005.

Recebido em 18.04.2023.

Aceito para publicação em 22.05.2023.

© 2023 Tomás Prado. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional ([http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR) ).